



Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
Centro de Estudos Superiores de Itapecuru – Mirim - CESITA
Curso: Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de
Língua Portuguesa.

Waldelice Matos Machado

Filosofia do amor da personagem Mariana, na obra Amor de Perdição

Itapecuru-Mirim

2020

Universidade Estadual do Maranhão- UEMA
Centro de Estudos Superiores de Itapecuru- Mirim- CESITA
Curso: Letras- Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Waldelice Matos Machado

Filosofia do amor da personagem Mariana, na obra Amor de Perdição

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Gercivaldo Vale Peixoto.

Itapecuru-Mirim

2020

Machado, Waldelice Matos.

Filosofia do amor da personagem Mariana na obra Amor de Perdição /
Waldelice Matos Machado. – Itapecuru-Mirim, MA, 2020.

56f.

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa
e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de
Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Prof. Gercivaldo Vale Peixoto.

1.Amor de Perdição. 2.Mariana. 3.Literatura. 4.Filosofia.
5.Sentimentalismo. I.Título.

CDU: 821.134.3.09

Waldelice Matos Machado

Filosofia do amor da personagem Mariana, na obra Amor de Perdição

Monografia apresentada como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras, Universidade Estadual do Maranhão-UEMA.

Orientador: Prof. Esp. Gercivaldo Vale Peixoto.

Aprovado em: ____/____/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Gercivaldo Vale Peixoto

1º Examinador (a)

2º Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Sou grata primeiramente a Deus, por ter me concedido a vida. À minha mãe Maria Iramita, meu eterno pai, Valdeci, minha eterna vovó, Maria de Lourdes, minhas irmãs Karina, Iramila e Waldenice, minhas amigas Alice, Rafaela e Carol (Grang). Agradeço aos meus professores da UEMA e ao meu digníssimo orientador Gercivaldo, que é o melhor de todos. Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste sonho.

Produtos românticos, nós todos...

E se não fôssemos românticos, se calhar não seríamos nada.

Álvaro de Campos (1993, p. 279)

RESUMO

O trabalho tem por finalidade analisar filosoficamente o Amor da personagem Mariana, inserida na obra **Amor de Perdição**, de Camilo Castelo Branco (1825-1890), obra marcada na literatura pelo ultrarromantismo português. O real foco é compreender, através da filosofia, a essência da completude do amor de Mariana através da teoria de Platão, um amor que está longe do sentido físico, pois faz menção ao campo do pensamento, no qual será levado em consideração as características, as atitudes e, também, o contexto vigente no momento, fazendo menções ao lirismo passional, mal-do-século e idealismo, focando no sentimentalismo como um desejo jamais alcançado pela personagem, fazendo de Mariana, a mais complexa e paciente dentro da obra de Camilo. Obteve-se nesta pesquisa, através do Amor Cortês, partes do Amor Philia e Amor Eros (amor romântico) o conhecimento de um “amor espiritual” que está internalizado no campo do pensamento (imaginação), um sentimento infeliz e frustrante ligado à carência afetiva que tornou Mariana uma mulher vazia, totalmente pessimista e irracional (características do herói romântico, ou melhor dizendo, heroína romântica).

Palavras-Chave: Amor de Perdição. Mariana. Literatura. Filosofia. Sentimentalismo.

ABSTRACT

The work aims to analyze philosophically the love of the character Mariana, inserted in the work **Amor de Perdição** (2018), by Camilo Castelo Branco (1825-1890), a work marked in literature by Portuguese ultrarromantism. The real focus is to understand through philosophy the essence of the completeness of Mariana's love through Plato's theory, a love that is far from the physical sense, as it refers to the field of thought, in which the characteristics, attitudes will be taken into account. and, also, the current context, mentioning passionate lyricism, evil of the century and idealism, focusing on sentimentality as a desire never reached by the character, making Mariana the most complex and patient character in Camilo's work. It was obtained in this research, through the Courteous Love, parts of Amor Philia and Amor Eros (romantic love) the knowledge of a "spiritual love" that is internalized in the field of thought (imagination), an unhappy and frustrating feeling linked to affective lack which made Mariana an empty woman, totally pessimistic and irrational (characteristics of the romantic hero, or rather, romantic heroine).

Keywords: Love of Perdition. Mariana. Literature. Philosophy. Sentimentality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	ROMANTISMO EM PORTUGAL: CONTEXTO HISTÓRICO E ESTILO LITERÁRIO	10
3	BIOGRAFIA DE CAMILO CASTELO BRANCO	12
4	OBRA AMOR DE PERDIÇÃO	15
5	A MULHER CAMILIANA NA PESSOA DE MARIANA.....	17
5.1	Subjetividade romântica de Mariana.....	19
6	A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA NA LITERATURA.....	21
7	A FILOSOFIA DO AMOR SEGUNDO A OBRA “HISTÓRIA FILOSÓFICA DO AMOR” DE DAX MORAES	24
7.1	Representatividade do amor na vida humana.....	25
7.2	Os quatro tipos de amores	28
7.3	O amor de Mariana contradiz aos princípios de Deus	31
8	A FILOSOFIA DO AMOR SEGUNDO A OBRA “O AMOR E O OCIDENTE” DE DENIS ROUGEMONT	35
8.1	O ideal do amor cortês na literatura	36
9	CONTRIBUIÇÕES FILOSÓFICAS DE VOLTAIRE	39
10	ANÁLISE FILOSÓFICA DA ESSÊNCIA E COMPLETUDE DO AMOR DA PERSONAGEM MARIANA	41
10.1	Esquema do contexto ultrarromântico e filosófico do amor de Mariana	47
11	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

A literatura e a filosofia estão intimamente ligadas, principalmente no que diz respeito ao aperfeiçoamento humano e a questões comportamentais. A relação entre essas duas vertentes de estudo é unificada quanto ao preparo do psicológico humano sobre o desenvolvimento histórico, dando ideias de condições interpretativas diversificadas de cada personagem, discurso, comportamento e manifestação.

A questão central de toda criação, seja literária ou filosófica é, segundo Stanisor e Enache (2009), a relação tridimensional entre eu, mundo e palavra.

Sendo assim, A filosofia e a Literatura desenvolvem processos de pensamento, escrita e linguagem, ambas estão ligadas a arte da investigação e reflexão da vida. A leitura agrega um universo de reflexões sobre experiências humanas, dialogando e despertando cada vez mais o modo de viver e ser da sociedade.

O presente trabalho escolhido se deu a partir das leituras feitas da obra intitulada **Amor de Perdição** (2018), do escritor Camilo Castelo Branco (1825-1890). Essa obra faz parte da segunda geração romântica portuguesa (ultrarromantismo), compreensiva e com um enredo riquíssimo se tratando de um amor impossível, pois a dama não é correspondida pelo seu amado e isso faz o leitor se questionar o porquê das insistências dessa personagem e de alguns acontecimentos dentro da narrativa.

O foco dessa pesquisa estará voltado para análise filosófica do amor de Mariana que não passa despercebida dentro da obra, por se tratar de uma mulher que, apesar de não ter seu amor correspondido pela pessoa que ama (Simão, um dos protagonistas do romance), faz tudo por ele, mesmo sem receber nada em troca. Isso acaba gerando questionamentos nos leitores, pois Mariana tem uma grande paixão por Simão, e o mesmo não a quer como mulher e sim como amiga, coisa que Mariana aceita sem restrições, pois, para ela, o importante é ter a presença de Simão por perto.

Esta pesquisa surge através da inquietação sobre esse sentimento que Mariana carrega pelo personagem (Simão), propôs-se, saber quais fatores fizeram Mariana se apaixonar por Simão, a ponto de fazer tudo para ficar perto dele, mesmo sabendo que ele nunca iria lhe amar. Levou-se em consideração

as características dessa personagem e suas atitudes amorosas, para analisar filosoficamente seu amor e compreender a totalidade de Mariana como a personagem principal do enredo, mostrando possíveis respostas sobre determinados comportamentos pertinentes.

A análise adiante, buscou vários recursos teóricos que propõe abordagem de grandes contribuições de estudiosos da área, trazendo suas explicações sobre a filosofia do amor da personagem Mariana, como é o caso de Dennis Rougemont (1988), Dax Moraes (2019), Voltaire (2001) e Platão (2000), que contribuíram para melhor compreensão da análise realizada na obra camiliana, além da crítica literária de Jacinto de Prado Coelho, Fidelino de Figueiredo, Saraiva e Lopes.

Ademais, o foco literário e filosófico será mostrar as possíveis repostas, para que os leitores possam compreender o porquê das atitudes de Mariana para com Simão, o que faz dela a personagem mais complexa dentro da trama, e o que torna a ser extremamente paciente, levando seu amor cortês até sua morte, mesmo com todas suas provações de amor com o jovem Simão e ele não a ter correspondido. Essas respostas poderão ajudar muitos discentes a tirar suas conclusões a respeito de dúvidas relacionados ao sentimentalismo idealizado de Mariana e questões comportamentais e físicas da jovem, já que é uma personagem que marca o ultrarromantismo português (exagero, idealização amorosa, mal-do-século) com sua forma heroica, porém, acaba ficando apagada e restrita para a maioria dos leitores da novela camiliana.

2 ROMANTISMO EM PORTUGAL: CONTEXTO HISTÓRICO E ESTILO LITERÁRIO

O romantismo foi um movimento artístico e cultural que surgiu na Europa e perdurou até meados do século XIX. No ano de 1776, os Estados Unidos declarou sua independência, logo no ano de 1789 aconteceu a revolução Francesa, o que dá base para o movimento. Esses dois grandes acontecimentos reluziram as ideias iluministas no século XVIII, os iluministas vieram para partir os laços da igreja e, propriamente, da burguesia, que se eclodia através da igreja usando a fé de muitos fiéis. A ascensão burguesa durou pouco tempo, retomando seu poder e se tornando forte em meio às lutas nacionalistas que ainda perduraram na sociedade.

A literatura veio trazer uma força artística mesmo com o período conturbado com as invasões francesas e luta civil, pois Dom Pedro renunciava no Brasil para tentar o trono em Portugal. A primeira obra que trouxe características romântica foi **O sofrimento do Jovem Werther** de Goethe (1774).

Jacinto Prado Coelho (1989b, p.965), defendia que “(...) o romantismo valeria como um regresso dos portugueses a eles próprios”.

O Romantismo em Portugal foi uma escola literária que surgiu no século XIX, com vigor de transformação, pois os estudiosos da época queriam mostrar uma nova forma dos escritos literários, se distanciando das características do arcadismo, período anterior. Quem iniciou com o Romantismo em Portugal foi João de Almeida Garrett, com o poema **Camões** e, também, Alexandre Herculano, com a publicação de **A voz do Profeta**, em 1836, considerada com mais características da nova escola literária.

Essa escola literária não se concerne apenas aos sentimentos de amor ou paixão, o Romantismo vem mostrar com mais alusão o amor à pátria, exaltação da natureza e expressões românticas retomadas da idade média, como é o caso da cavalaria.

Segundo Fidelino Figueiredo:

“Para medir a força inovadora do romantismo e a sua originalidade, torna-se necessário conhecer a literatura, a que ele se veio substituir, relanceando os gêneros

considerados superiores e avaliando os recursos artísticos que eles ainda comportavam”. (Figueiredo, pg. 07, 1913)

Essa escola veio combater o classicismo, mostrando com vigor a libertação da linguagem, reestruturando o País através da expressão do homem. Esse estilo literário é marcado por características, como por exemplo, byronismo (Estilo de vida boêmio), liberdade de expressão, subjetivismo, sentimentalismo, idealização da Pátria, saudosismo, culto ao fantástico e culto à natureza.

O Romantismo se forma por três gerações. A primeira geração (1825-1840), teve como principais representantes Almeida Garret e Alexandre Herculano, ambos despertaram o sentimento a pátria, se preocupando com questões históricas e políticas, já que Portugal temia a invasão francesa, fazendo com que essa geração seja apenas para atingir a presença do liberalismo e nacionalismo, preservando ainda a estética neoclássica. A segunda geração (1840-1860), teve como principal precursor Camilo Castelo Branco, conhecida também como ultrarromântica, por conter um peso sobre o sentimentalismo, ou seja, saindo da ideologia política e trazendo marcas do exagero melancólico, tristezas e sonhos, valorizando o culto do eu, assim também como a presença da mulher e seus traços peculiares, cheio de caracteres tristes, sombrios e insatisfeitos. Foi conhecida como mal-do-século (insatisfação no amor que levava ao suicídio). Camilo marcou essa geração com seu estilo passional e pitoresco e, sua obra mais marcante, que foi **Amor de Perdição**. A terceira geração (1860-1870) ao contrário da segunda, não trazia mais a presença do sentimentalismo exagerado, pois focava mais no equilíbrio, a temática era puramente social, esse período trazia mais a musicalidade e o lirismo, seu principal representante foi João de Deus na poesia e, Júlio Dinis na prosa.

Todo o período do Romantismo em Portugal durou cerca de quarenta anos, durante todo esse tempo ele buscou exaltar de alguma forma o orgulho histórico e nacional do país.

3 BIOGRAFIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

Camilo Castelo Branco (1825-1890), foi um escritor português, romancista, cronista, dramaturgo, poeta, historiador, crítico e tradutor.

Camilo foi uma grande personalidade na segunda geração romântica, um escritor conhecido mundialmente e considerado um dos melhores colunistas de seu tempo apesar da sua vida conturbada, pois perdeu sua mãe quando tinha apenas um ano de idade e seu pai com dez anos de idade. A partir dessas perdas, ele passou a receber uma educação muito irregular com uma tia na cidade de Vila Real e depois foi morar com uma irmã na cidade de Vilarinho de Samardã, dentre outros lugares que ele passou até sua formação.

Existem muitas explicações sobre a vida conturbada de Camilo, uma delas é que ele nasceu num ano ruim para se viver, foi o tempo em que teve a revolução e a guerra sanguenta depois da morte do Rei Dom Pedro IV de Portugal, causando mudanças exorbitas no País.

No ano de 1848 ele inicia seus estudos na área literária escrevendo sátiras ante cabralistas e ante eclesiástica, folhetos de cordel, começa a publicar suas primeiras novelas através de folhetins e a publicação de suas poesias e redações em alguns jornais da época.

Por muito tempo Camilo foi desprezado pela burguesia portuguesa. Iniciou seus trabalhos como colunista depois de não conseguir emprego por conta de sua posição na sociedade, sendo um homem pobre, sem formação e vulgar atraia muitos olhares raivosos e invejosos, mesmo assim, mostrou que sabia publicando seus trabalhos literário nos jornais, que muitas vezes serviam de críticas a sociedade burguesa.

Em 1841 casa-se com Joaquina Pereira, juntamente com ela teve uma filha, mas infelizmente a criança morre com cinco anos de idade. Teve romance com Maria do Adro durante o percurso de seus estudos de medicina, poucos anos depois rapta a jovem órfã Patrícia Emília e com ela teve outra filha, depois desse episódio Camilo foi preso. Após sair da prisão retomou seus estudos literários. Camilo não ficou apenas com os namoros oportunos, ele teve seu grande amor que foi Ana Augusta Plácido, uma mulher casada que abandona seu marido brasileiro para viver com Camilo em Lisboa. Esse romance entre os dois foi uma grande afronta para a sociedade da época, Camilo começou a ser

perseguido judicialmente, o que obrigou os dois a fazerem várias mudanças até que eles deram entrada na cadeia da Relação do Porto.

Essa fase da prisão foi boa em partes para Camilo, pois o mesmo teve um grande amadurecimento pessoal e literário, época em que escreveu a obra *Amor de Perdição*.

Todas essas vivências conturbadas de Camilo fizeram dele um homem infeliz, no qual não teve êxito durante sua vida. Apesar do escritor ser reconhecido por suas obras, o mesmo passou por momentos de tensão, mostrando uma vida decadente dentro de sua escrita e do seu relacionamento amoroso com Ana Plácido.

Camilo iluminava a língua portuguesa e, embora faça parte da segunda geração romântica, considerava sua escrita original e acreditava que estaria acima de qualquer escola literária. Ele se identificava como um homem romântico ligado também ao realismo.

Em **O Clamor Público**, no ano de 1856, Camilo publica: “Eu posso escrever romances jesuítas, romances franciscanos, romances carmelitas, romances jansenista, romances despóticos, monárquicos-representativos, cabralistas e até romances regeneradores: o que eu quiser, e para onde me der a veneta (...) Se me é possível aventar o que farei amanhã vou dizer-te o que tenciono fazer nos folhetins do teu jornal. Mas não sirva o programa de compromisso. Não me responsabilizo senão pelo que fiz; o que farei não depende de mim...”

É justamente assim que Camilo eclodia pensamentos de mudanças, trazendo uma relação dos seus textos com a sociedade e com a vida, como foi o caso de algumas de suas obras literárias. Sua imaginação insatisfeita no amor foi levada para dentro das suas obras literárias, como foi o caso de *Amor de Perdição*, que trazia na sua novela, uma explicação psicológica a uma história de amor, que também foi comparada a obra *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, por trazer traços marcantes e parecidos com a vida dos protagonistas do enredo, como rivalidades entre famílias e amores insatisfeitos.

Camilo foi dono de uma coletânea de novelas passionais, de aventura e de histórias como, **Amor de Perdição** (1862), **Os Mistérios de Lisboa** (1854), **O Judeu** (1866), dentre outras. Foram publicados alguns romances como *Anátema* (1851), **A brasileira de Prazins** (1882), narrativas satíricas como **A Queda Dum**

Anjo (1866), dentre poesias, historiografia e memórias. Acredita-se que a maioria das obras de Camilo foram elaboradas de acordo com aquilo que ele já vivenciou no decorrer de sua frustrante vida com seus pais, com sua mulher, na prisão e também com a decadência de sua saúde após alguns anos de existência, pois esse escritor de renome vivia de seus textos e, infelizmente, depois de adquirir doenças como sífilis e cegueira, o mesmo cometeu suicídio acabando com sua carreira que foi retomada por estudiosos anos depois.

Segundo Benedito Nunes (2002):

[...] “a literatura, ao mesmo tempo que denuncia a insatisfação com o real, passa a oferecer, contra ele, o abrigo do ideal decepcionado, que se constitui em refúgio, o que transforma o refúgio em sucedâneo de aspirações insatisfeitas...é na obra de arte que o Eu alcança a intuição de si mesmo como Absoluto. (Nunes, 2002, 55-61)

Grandes escritores, assim como Camilo, denunciavam a sua natureza, suas vivências em suas obras (mesmo que indiretamente) como forma de mostrar a infeliz e decadente vida de uma sociedade cultural translada pela confluência da orfandade, maus tratos, rejeição, prisão, vícios e amores impossíveis, ou seja, toda essa realidade é inspirada e descrita como forma de fuga em sua obra. A imaginação produtora de Camilo mostra a força do seu Eu perante suas obras, uma liberdade caprichosa e por vezes fictícias, mostrando através de suas inquietações interiores a alma romântica inserida dentro dos conflitos sociais.

4 OBRA AMOR DE PERDIÇÃO

Amor de Perdição é uma novela passionnal (dramas amargurados, tendo os finais trágicos), acredita-se que foi escrita durante 15 (quinze dias), período em que Camilo esteve na prisão, escrita em 1861 e publicada em 1862.

(...) Amor de Perdição: uma tensão trágica de paixões e situações; uma narração precisa e rápida das ações decisivas; caracteres psicológicos secundários inteiramente subordinados às necessidades de dignificação do conflito central (...) eivado de retórica sentimental, mas por vezes de grande nobreza trágica. (O Romantismo, p.822)

O narrador, por meio dessa oscilação entre a observação direta e a onisciência, conta a história de um triângulo amoroso entre Simão Botelho, Teresa Albuquerque e Mariana que se passa na cidade de Viseu, no século XIX. José Correia Botelho (corregedor da cidade de Viseu) e a formosa Sr^a Rita Teresa Margarida Preciosa (dama da rainha de Portugal), tiveram cinco filhos: Manuel, Simão, Maria, Ana e Rita. Dentre seus filhos, Simão era o mais peralta, o filho rebelde, pois levava uma vida boêmia mudando seu comportamento após chegar em Viseu, o motivo foi o Amor que sentiu por Teresa (uma moça de apenas de quinze anos de idade) desde o dia que a olhou pela janela de seu quarto.

Ambas as famílias dos jovens tinham problemas e esse foi o um dos motivos pelo qual o romance dos dois foi interrompido do início ao fim. Ritinha, irmã mais nova de Simão, sabia de tudo que estava acontecendo entre Simão e Teresa, porém, após uns dias foi descoberto seu segredo e a mesma foi forçada a contar para seu pai sobre a paixão dos dois, fazendo assim, as famílias tomarem atitudes drásticas em relação aos amantes do amor. Teresa obrigou-se a ir para um convento em Monchique, na cidade do Porto, para não se casar com seu primo Baltazar, um homem ambicioso igual seu pai. Na esperança de ver Teresa, Simão acaba se encontrando com Baltazar, a partir daí tudo ficou mais complicado, pois após uma briga entre os dois, Baltazar é morto e Simão fica ferido. Depois desse terrível episódio, Simão é levado para a casa de um ferreiro, pai de Mariana, que cuidou muito bem de Simão, porém se apaixonou

por ele, tornando-se uma mártir do amor até o final da trama, caracterizando o verdadeiro amor de perdição.

Segundo Bosi (2006, p.91) “Essa estética expressa os sentimentos descontentes”. Bosi vem ressaltar essa estética descontente, a fim de explicar a liberdade de expressão, o sentimento idealizado e também a quebra de valores, dentro do estilo ultrarromântico na obra camiliana, pois em Amor de Perdição, Camilo expressa o sofrimento, o remorso e impossibilidades amorosas que levam à morte.

Amor de Perdição é uma novela excepcional, ela traz os traços de uma verdadeira obra ultrarromântica, o escritor leva como apoio aos seus manuscritos a sua própria vida.

A novela passional camiliana dá sempre uma dada imagem de um martírio fatal; por várias vezes se diz do modo mais explícito ser necessário que o sacrifício se costuma, como testemunho daquilo que, também por vezes muito explicitamente, se designa como religião do amor. (O Romantismo, p. 828)

Esse martírio fatal que foi descrito dentro da obra camiliana foi feito em inspiração à obra **Romeu e Julieta** de Shakespeare, com um contexto voltado para o século XIX, que por sinal foi bem recebido ao público, trazendo debates entre famílias e emoções vividas por uma sociedade marcada por sobrepor a razão à vida. O livro é composto por vinte capítulos, além da introdução e conclusão que exploram o sofrimento amoroso e o escapismo, algo muito comum no século XIX.

Segundo FIGUEIREDO (1941, p.283), em literatura portuguesa “Amor de Perdição é a sua obra prima nesta maneira sentimental [...] o romance camiliano é a quinta essência do lirismo passional, servido pelo maravilhoso do enredo”. A novela camiliana traz esses traços de conflitos dramáticos, imaginações, aventuras e insatisfações no amor entre os personagens, fazendo da novela, uma abordagem tradicional do contexto vivido pelos amantes do amor daquela época.

Tereza, Simão e Mariana foram mártires do amor, que os levou à morte, mesmo que em formas diferentes, ambos não chegaram a sua realização

amorosa. Como o próprio escritor descreve no livro “Amou, perdeu-se e morreu amando”.

5 A MULHER CAMILIANA NA PESSOA DE MARIANA

Antônio José Saraiva e Óscar Lopes, na obra História da literatura Portuguesa, sintetiza as personagens camilianas como “uma vítima angélica, ou uma aniquiladora ‘mulher fatal’” (SARAIVA;LOPES,1996, p. 784).

Mariana é condicionada como uma mulher ativa dentro da obra **Amor de Perdição**, uma personagem varonil e corajosa que mantém características físicas da mulher do campo, aquela que carrega consigo marcas do sofrimento bucólico, mesmo sendo essa heroína romântica que simboliza dentro da obra de Camilo a vítima angélica em contraste com a mulher aniquiladora e fatal.

Todas essas características de Mariana trazidas dentro da obra de Camilo, demonstra a mulher europeia pós- revolucionária, aquela que está associada a estruturas patriarcais do século XIX. No contexto cultural do romantismo, as mulheres em meio ao seu processo histórico tinham um tabu a ser seguido, principalmente as do campo, pois era consideravelmente um desafio para as camponesas, elas tinham que ser pálidas, rosadas nas bochechas e magras, pois isso, mostrava a condição de espírito que cada uma tinha, aquela que estava ligada sua fragilidade, pois essa ligação os faziam totalmente dependentes dos homens.

Mariana é uma personagem que faz toda a diferença na novela passional, pois traz consigo traços marcantes da verdadeira mulher romancista “moça de vinte e quatro anos, formas bonitas, um rosto belo e triste” (CASTELO BRANCO, 2008, p. 29). Ela idealizou Simão como o homem de sua vida e, sofreu esse amor não correspondido calada e aparentemente satisfeita, no qual sonhava viver com ele em algum momento de sua vida, nem que seja na eternidade.

Ela (Mariana) foi uma heroína durante o enredo, pois graças ao seu sentimento, paciência e ternura, Simão teve alguém para cuidá-lo e ajudá-lo até o último dia de sua existência, deixando sua vida para viver a vida do seu amado.

Mariana foi considerada a principal personagem da obra de Camilo, ela traz personalidades de uma mulher que passa pelos muros do real e sai em busca do seu amor, sem medir distâncias, sonhos, vivências ou insatisfações, pois com

toda sua paciência, ela se entregava a Simão como uma amante pronta e fiel. Segundo Oliveira:

Mariana torna-se a partir do momento em que por ele se apaixonou, numa espécie de criada, pronta a fazer tudo que fosse necessário para melhorar a vida de seu amado, e ligada de forma tão radical ao destino dele... Mariana enlouquece para, quando a pena de seu amado é comutada, se recuperar da loucura e de novo poder servi-lo, até o momento em que este morre, morrendo ela junto com ele. (OLIVEIRA, 1997, p. 85-86)

Com base na citação de Oliveira, pôde-se perceber esse amor tão marcado por Mariana, o amor ultrarromântico, com o peso de suas ações avassaladoras e esteticamente épica, pelo simples fato de trazer a tragédia, que foi iniciada pela perda de um sentimento único e exclusivo por ela.

O marco de um romance pode-se dizer que é a presença de um herói, nesse caso foi Mariana. Uma mulher do campo bem vivida, marcada por um sentimentalismo romântico fatal.

Segundo Antônio Cândido (2009):

“A personagem é um ser fictício, expressão que soa como paradoxo... a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste”. (CÂNDIDO, 2009, p.52)

Muito se explica sobre a personagem feminina descrita nas obras de Camilo. O enredo, a personagem e as ideias transmitidas pelo escritor formam uma linha de projeção da realidade. Primeiramente, há uma gama de diferenças entre o ser real e o ser fictício, esse ser fictício, por vezes, traz a verossimilhança do real, ou seja, Camilo abrange a personalidade de sua personagem Mariana de uma forma empírica com o intuito de mostrar a realidade, mesmo que incompleta, de muitas mulheres que viveram entre as décadas de XVIII até meados do século XIX, como já afirmava Forster (2002) “O *Home Fictius* come e dorme pouco, por exemplo; mas vive muito mais intensamente certas relações

humanas, sobretudo as amorosas”. Forster compara o ser humano ao *O Home Fictius* (ser ficcional), no qual afirma uma diferença entre os dois seres e uma definição pitoresca da personagem de ficção, pois, para o escritor, é possível que o leitor tenha uma visão mais avaliativa e intencional da personagem de acordo com o contexto do enredo, tarefa que não seria fácil se fosse ao contrário, pois a vida das pessoas se tornam mais restritas no mundo real.

Uma das partes que chama mais atenção durante a trama é a veracidade da protagonista, por vezes ela chega a fazer comparações entre ela e Teresa para demonstrar sua força e determinação, isso tudo movido por um sentimento. Contudo, no desfecho do romance, Mariana acompanha Simão no degredo de dez anos para as índias se dispondo a trabalhar e cuidar do seu amado, pois além de ela estar pertinho dele lhe servindo, não teria outra mulher para tirá-lo os olhos, fazendo com que até o final do degredo ele ficaria com ela nem que seja por gratidão. Como ela afirma, “eu, se for vontade do Senhor Simão, vou pôr uma lojinha [...]. Verá amanhã a vida. Afeita ao calor estou eu; Vossa Senhoria não está; mas não há de ter precisão, se Deus quiser, de andar ao tempo” (CASTELO BRANCO, 2018, p.122).

Esse comportamento de Mariana se dá pelo fato da idealização de um amor criado por ela mesma. Muitos são os fatores que não contribuíram para seu desenvolvimento amoroso, um deles é o fator social, a idade, a visão diferente de ver a vida, pois Simão era um jovem aventureiro que fazia de tudo por Teresa pelo simples fato da paixão ter corrompido sua mente e, Mariana, uma mulher livre e desimpedida para iniciar um amor épico com seu amado, mas, infelizmente, as circunstâncias fizeram de Mariana uma espécie de escrava de Simão, ajudando ele com Teresa, mesmo sabendo que se ele ficasse com Teresa não teria nenhuma chance de estar algum dia com ela. Contudo, Mariana é considerada uma personagem primária pelo fato de a mesma, muda e insatisfeita, levar consigo características como a idealização do amor e o pessimismo até o fim da novela passional de Camilo.

5.1 Subjetividade romântica de mariana

González Rey (2003, 2005), psicólogo cubano radicado no Brasil, diz que “A subjetividade não é algo que possa ser aprendido em sua totalidade, pois não

tem como pressuposto uma visão essencialista. Na teoria da subjetividade, o ser humano não possui uma natureza humana, mas se faz humano nos processos social, histórico e a partir de suas condições concretas”. Essa subjetividade amorosa de Mariana foi constituída de acordo com a sociedade vigente no momento, ela leva consigo raízes de seu tempo, fazendo do amor (sentimento escape) um dos principais motivos para sua mudança de comportamento.

A segunda geração romântica, conhecida como ultrarromantismo ou mal-do-século carrega pesos de uma sociedade dramática e passional, o amor surge muitas vezes como uma consequência fatal, as mulheres viviam à mercê dos pais e quando casada viviam a mandato do marido. Porém, muito amores aconteceram no meio desses casamentos arranjados, mulheres se apaixonavam por homens comprometidos e vice-versa ou aconteciam paixões impossíveis como é o caso de Teresa/Simão, Simão/Mariana.

Segundo Figueiredo (1991, p.20), “ser alguém pressupõe tornar-se alguém”. É notório que o comportamento de Mariana com toda essa paciência e ações avassaladoras durante a trama é algo totalmente expelido pelo seu organismo, ou seja, os estímulos comportamentais que a personagem demonstra no livro correspondem a condição psicológica e abalada de uma pessoa ligada a uma sociedade ultrarromântica, ao subjetivismo romântico, onde o irracionalismo empunhava o sofrimento de busca por um único ideal, causando sofrimento intenso quando o mesmo não chega a sua completude realizável, ou seja, é através da irracionalidade de Mariana, considerada por vezes positiva, que a conhecemos, pois é através do caos que ela se reconstrói e se torna cada vez mais forte para lutar por um amor único e idealizado.

Antônio Cândido, no seu livro **A personagem da Ficção**, trata personagens através de dois modos. A personalidade de Mariana está inserida no segundo modo denominado como “Seres Complicados” que tem uma profundidade em suas características internas, assim como ela é vista como uma “Personagem de Costume”, trabalhada pelo mesmo escritor como uma personagem que não pode ser estudada apenas pela observação, mas através de seus mais profundos sentimentos que muitas vezes têm um fim trágico.

O subjetivismo é um tema complexo assim como o a essência do amor e, por vezes contraditória, um processo de unidade do universo (humanidade, cultura, sentimento, contexto social, mito, senso comum, etc.), sendo assim,

Mariana forma sua natureza romântica a partir de suas vivências, o amor subjetivo não é pleno e nem definitivo, o subjetivismo romântico está presente em cada fase da vida da protagonista, desde o seu nascimento, seu desenvolvimento como mulher, amor e vai até sua morte súbita, movida pela dor da perda de seu amado, considerado o único motivo de viver, ou seja, através da subjetividade de Mariana, Camilo buscou interpretar os seres humanos e suas vivências dentro do contexto do ultrarromantismo português.

6 A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA NA LITERATURA

A filosofia é uma área de estudo muito abrangente que discorre a respeito das facetas humanas, suas experiências e as variadas existências do mundo. A filosofia adentra nas literaturas por intermédio do ser humano, a fim de explicar a vida, comportamento ou experiências vividas em uma determinada geração.

“A filosofia pertence a um grau de discurso chamado mitopoético, e o discurso dialético, existe ainda um segundo grau chamado de discurso retórico. O discurso mitopoético pressupõe o espírito humano a determinadas ideias em uma camada mais profunda...” (CARVALHO, 2013)

A partir desse pensamento, percebe-se a importância da linguagem para a filosofia e vice-versa, então, se o ser humano no seu ato de estudo saltar a literatura e partir somente para a filosofia, automaticamente seu estudo será falho, pois não será profundo muito menos obtiverá toda evolução de pensamento dos diversos filósofos através do campo da linguagem. A filosofia e a literatura se encontram por intermédio de questões opiniosas da própria realidade humana. Muitos estudiosos como Platão, defendiam que a filosofia por ter um sentido racional não se encontra com a literatura que é cheia de sentidos metafóricos, imaginários e fictícios, porém, as “falhas” em termos de vertentes de estudos não estão somente na literatura que foi confrontada pelos filósofos por ser “a arte da imitação”, desvalorizando a arte de uma forma geral por não trazer a verdade puramente falada, é cabível dizer que a arte literária traz muitas facetas que se desviam um pouco da realidade, mas ela também mostra realidades que muitos se julgam não ver, sendo assim, as falhas não se encontram apenas na literatura, mas a própria filosofia, por exemplo, nunca deixa

um ponto final em suas ideias, o ser humano sempre esteve em busca de respostas. Por isso, é necessário muitas vezes o estudioso partir de um texto literário para chegar a uma resposta mais clara sobre a existência ou evolução humana que mais se aproxima da realidade.

Assim como Maurice Blanchot, Michel Foucault tratou a literatura como um “desdobramento do mundo”, pode-se pensar que ela não está distante da realidade humana, confirmando a tese de que desde a antiguidade a literatura vem assumindo o papel de representar o mundo, sendo assim, a filosofia tem influências na literatura.

Ambas as áreas de estudos mencionadas não tem o mesmo sentido ou o mesmo conceito, mas elas se encontram, pois literatura não se trata apenas de fantasias, ela é também uma “amostra da realidade” e, o que é real ou se aproxima dele pode ser visto e correlacionado pela filosofia, pois os filósofos olham para trás a fim de saber o que já se passou e qual a evolução, seja humana ou de pensamento. As críticas partem dessa transição para então se ter um novo olhar de tudo e de todos. A filosofia não dá um ponto final em suas teses e a literatura vem fazer a repetição do que já foi dito para então ter novas possibilidades do real que vivemos.

Voltando-se para a obra literária Amor de Perdição, a filosofia adentra como uma ferramenta de intermédio para explicar a personagem Mariana enquanto seu sentimento avassalador para com Simão. Nesse sentido, a literatura e a filosofia se encaixam na medida em que existe um sentimento a ser trabalhado: o Amor. O amor foi explicado primeiramente por Platão e tem sido alvo de críticos até os dias atuais, mas ele nunca deixou de ser amor, apenas se aperfeiçoa de acordo com o tempo, a filosofia está juntamente com a literatura para trazer a realidade o amor avassalador de Mariana, ou seja, a literatura serviu de intermédio para a filosofia explicar e indagar ainda mais as ações insistentes da personagem dentro da obra, pois através da filosofia, esse sentimento pode ser trazido à realidade como um tipo de comportamento humano, sendo assim, a literatura por ser considerada puramente “mimese”, ela por si só não poderia chegar tão próximo da realidade das pessoas nem tão pouco se desprender do livro literário como um fato puro e real.

Segundo Benedito Nunes (2002):

“As matrizes filosóficas da visão romântica, que legitimam, dentro de uma nova constelação de princípios, a originalidade e o entusiasmo, são o caráter transcendente do sujeito humano e o caráter espiritual da realidade, que quebram a uniformidade da razão e a conseqüente forma de individualismo racionalista, ao mesmo tempo que a concepção mecanicista da natureza”. (NUNES, 2002, p. 57)

A filosofia entra na literatura se remetendo, por exemplo, ao amor, trazendo-o para além da vida. Ela não entrepõe a visão romântica do mundo, mas mostra de uma forma real a transição da vivência de cada época em detrimento da outra. Essas matrizes são justamente o Eu do artista que o acompanha em todas as suas representações, ou seja, a forma de representar o seu subjetivismo através das artes e ao mesmo tempo ser uma manifestação humana que muitas vezes está voltada para a realidade vigente no momento.

No romantismo, esse amor foi mostrada de uma forma mais agressiva, ele chegou a ser alvo de morte, sendo assim, foi-se necessário a literatura servir de apoio à filosofia para chegar-se a conclusão do sentimento prestado no século XIX, ou seja, a filosofia e a literatura estão próximas para voltar ao passado e obtêm explicações do presente sobre a vida humana e suas facetas.

7 A FILOSOFIA DO AMOR SEGUNDO A OBRA “HISTÓRIA FILOSÓFICA DO AMOR” DE DAX MORAES

A obra “História Filosófica do Amor”, de Dax Moraes, Professor e Dr. em filosofia, mostra uma forma concisa a representatividade do amor na vida do ser humano. Diferente de muitas obras referente ao tema, Dax perpassa por vários pensadores ocidentais, colocando em ênfase o mau convencionalismo feito sobre o amor por filósofos, teólogos e pelo senso comum.

Muito se diz sobre o amor, ou “nada se diz”, pois para muitos não há explicação para esse sentimento existente na vida humana, a partir desse pensamento pode-se perceber o tamanho da sua complexidade. Durante todo o percurso do livro, o processo de estudo e compreensão sobre o “amor” está envolvido com a natureza, seu princípio universal, o mito e a filosofia, o amor e a beleza, envolvendo o desejo, mortalidade, sexualidade, tipos de amores, dentre algumas críticas sobre Eros, estudos de Rousseau, Tomás de Aquino, Nietzsche e Freud.

Dax busca a concretude do amor, não sua fantasia, por isso, configura o verdadeiro sentido da existência do amor. Reformando sua obra, Dax diz:

“É minha imensa pretensão com este livro começar a “negociar o resgate” do amor sequestrado pelas fantasias do pensamento erigidas pela metafísica digna de crítica, trazer o amor para junto de nós mesmos somos capazes de permiti-lo, deixá-lo ser...o amor na filosofia deve investigar, não se tratando, de modo algum, de mera erudição ou proliferação de informações supérfluas com belas frases para que se preencha caderninhos de notas”. (DAX, 2019, p. 27)

Para o autor, há muitas manifestações abstratas no que diz respeito ao amor, por isso, é importante trazer o necessário, deixando o menos fantasioso, compreendendo, mesmo com as inúmeras ideias controversas, como de fato é o amor, incluindo suas necessidades, desejos, concretude e essência, deixando bem claro que se esse é um sentimento sentido e vivido, é de total exclusividade do ser humano. Cabe ressaltar que será colocado em ênfase do estudo sobre o amor, somente aquilo que explica a personagem vigente: Mariana.

7.1 Representatividade do amor na vida humana

Existem vários mitos que falam sobre o Amor compondo sua história, acredita-se que se iniciou no Ocidente. O Amor é um sentimento presente na vida humana desde séculos antes de Cristo. Dax Moraes, no seu livro “História Filosófica do Amor” representa as diversas interfaces desse amor ao longo do tempo. O primeiro filósofo a falar sobre o amor foi Platão na boca de Sócrates e, assim como ele, muitos gregos como Pausânias, Aristófanes e Ágaton vincularam o Amor à Verdade e ao Bem, não era através de experiências físicas, mas o amor era parte do espírito, sendo assim, o ato de sentir esse amor fez com que a filosofia buscasse explicá-lo dentro de suas possibilidades, mesmo porque não existe um conceito pronto e acabado sobre tal, pois o Amor se modifica ao longo do tempo.

Vários estudiosos tiveram influências vizinhas para chegar a uma compreensão menos fantasiosa desse sentimento. A obra “O Banquete”, diálogo escrito por volta de 380 a.c., relata sobre o Amor e a Natureza, é um debate que acontece na casa de Agatão (discípulo de Sócrates), no qual muitos estudiosos discutiam sobre o amor e amizade (philia) e o discurso iniciante sobre como o amor é proferido por Fedro, ele faz jus à condenação dos poetas que cantam hinos aos deuses, mas não falam sobre Eros, pois para Fedro, Eros é o mais antigo e poderoso dos deuses e tem seu lugar de prestígio na vida humana. Para outros filósofos que discursavam, existem dois tipos de Eros, o do bem e o Eros do mal.

Cabe ressaltar que, segundo a mitologia, (afirmações indemonstráveis), Eros nasceu por intermédio divino e eterno, é um “deus” que aproxima, multiplica, conecta e mistura os seres através do Amor, Sócrates já afirmava no livro “O Banquete” que “quem ama tem o desejo de possuir algo”, esse pensamento vindo de Platão será o mais utilizado pela criticidade do Amor de Mariana.

Dentro dos estudos da natureza do Amor existem vários tipos de Eros, um deles é Antero. Antero é irmão de Eros, no entanto, ambos são diferentes, ele é forte e poderoso quanto Eros, porém, ao invés de unir e aproximar o ser, Antero separa, causando ódio e discórdia, trazendo infelicidade para os amantes.

“Amor e Antiamor, são divindades originárias, as mais primitivas na mitologia grega, surgidas do caos primordial como as indefinidas e obscuras deidades Noite e Ébero”. (DAX, 2019, p.38)

O Amor é representado por Eros e o Antiamor por Antero. Ao longo dessa compreensão entre os dois deuses da mitologia grega, chega-se à conclusão que o amor sempre vai estar ligado a uma tensão e requer equilíbrio e sobriedade. As nuances do Amor enquanto seus obstáculos, desenvolvimento e relação sempre foi um verdadeiro embate entre o bem e o mal, o certo e o incerto, servindo de alteridade, é preciso manter sempre os dois lados da moeda, porém, com equilíbrio.

Antes de Eros ser colocado como “deus” do Olimpo, ele foi reconstruído em diversos mitos. Platão chamou Eros de Daimon (ser espiritual entre os homens e deuses). Existe outra versão, talvez a mais usada nos discursos filosóficos, em que Eros é filho de Ares e Afrodite, ele cresceu e se tornou um homem forte e vistoso, até que Antero, foi deixado de lado e mandado para viver longe do seu irmão, desde então, Eros se tornou menino e nunca mais se desenvolveu fisicamente (ambos mostram as fraquezas do amor). Nesse contexto, Plotino (2002, P. 103), refere a ele como “guardião das belas crianças”, Dax (2019, p. 61-62), ainda salienta que “Crianças também maquinam, experimentam, desafiam, amam obstáculos e proibições...é sabido que nos loucos de amor, nos apaixonados, se reconhece os mesmos sintomas, não sendo por outra razão que os enamorados comumente brinquem bastante”. Eros foi considerado o mais jovem e belo dos deuses, assim como Afrodite (mãe do amor) a beleza guia para os olhos feios.

Na mitologia, o belo e o feio, o bem e o mal, são personificações desse amor. No diálogo “O Banquete”, Fedro relatava que o amor sempre estaria ligado ao belo, neste sentido, como se pode amar o feio e no feio ver a beleza? Tal beleza é a guia do amor e o feio é defeituoso. Afrodite chega a vendar os olhos de Eros para que o amante não enxergue os defeitos do amado. No entanto, como os mitos, é certo que se deve encontrar algum tipo de beleza na vida, se não o encontrar é impossível haver amor. O amor só se torna cego quando está ligado à compaixão e, esse tema já não faz parte da mitologia, ele adentra a um nível religioso, porém, são sacrifícios que requer “espírito”, mas continua sendo amor, como já foi mencionado, o amor se modifica em detrimento das situações.

Rousseau (1992, p. 237), no quarto livro do Emílio relata: “fizeram o amor cego porque tem melhores olhos do que vê relações de que não podemos perceber”. O que muitos olhos não podem ver é justamente as expressões que esse amor causa, a beleza interior, pois o amor preenche a vida, elimina a solidão, remete o desejo de reciprocidade. Acredita-se que a cegueira do amor está ligada ao amor passional, aquele que comete loucura, porém esse amor se torna tão cego que não se vê beleza.

“O ímpeto cego do amor sem outra meta que não a conquista também impele ao confronto e a morte violenta. Eis um dos tipos de cegueira que podem acometer o louco de amor passional”. (MAX, 2019, p. 58)

Neste sentido, o amor passa a ser um sentimento compulsivo e ao mesmo tempo vazio em sua forma, não tendo mais Eros e Anteros como equilíbrio entre o bem e o mal, mas deixando uma carga pesada de Anteros como retorno a um desejo de destruição, dispensando o amor-troca ou amor-beleza, o sentimento se torna cego, uma recusa à beleza da vida e dos valores que nela são atribuídos a partir desse sentimento: Amor.

Uma das representações do Amor é a completude de sua vivência, ou seja, esse amor pode vim através de desejo (sexualidade), esse desejo carnal é também estudado na filosofia através de Afrodite, deusa associada à sexualidade (natureza fisiológica do prazer). Dax mostra a distinção entre dois Eros e duas Afrodites, tendo um par profano e outro purificado. O amor carnal está ligado ao par profano, onde o desejo é despertado e impulsionado através da beleza do amante, mas isso não define o amor, pois o mesmo não pode ser definido por suas expressões. Outro tipo de representação é a fraternal, pois para os pais, os filhos sempre são considerados belos, essa virtude sem dúvida é ligada ao amor natural, aquele que está ligado à tensão do equilíbrio e sobriedade.

Contudo, o amor foi representado por muito tempo como belo e, ao longo dos anos, esse sentimento foi se disseminando para além do mito, chegando a ter novas interpretações, uma delas está presente no ultrarromantismo português (segunda geração da escola literária). O romantismo é uma outra etapa do amor humano e, nenhuma palavra ou mito da antiguidade explica a essência desse amor, pois é um amor solidário, pessimista, dentre outros. Essa

essência se torna irreconhecível por conta do irracionalismo, a explicação parte do próprio contexto, não se pode partir de conhecimentos de fora, embora todas as críticas, mitos e posições antigas ajudem a explicar a completude desse amor, a raiz de tudo.

O amor é estudado em sua completude, mesmo que muitas vezes as conclusões desse estudo não seja satisfatória, pois nem tudo que se fala sobre o amor deve-se absorver, muitas vezes não passa de fantasias ou fatos sem sentido. Perante toda essa explicação sobre as conjunturas do amor, percebe-se que ele tem fases, são elas: fase do mundo antigo (Eros, Platão, Sócrates, dentre outros), mundo moderno (Romantismo: 2º geração) e mundo contemporâneo. As fases que mais se enquadram no amor da personagem estudada são a “fase antiga” com algumas explicações mitológicas ligada à natureza, beleza, sexo, moralidade, religião, cabendo a Mariana expressões da natureza e da beleza e a “fase moderna”, onde se enquadra a vivência de Mariana e seus resquícios de amor idealizado.

7.2 Os quatro tipos de amores

A história da humanidade mostra variadas versões sobre o Amor. Os filósofos sempre defenderam o amor, seja pela religião, sexualidade ou pelo lado fraternal. O amor na história da humanidade tem variadas interpretações através da arte, da poesia, nos enamorados, dentre outros. Todo esse sentimento gira em torno do amor. Para melhor explicar o Amor, a filosofia separou Amor/ Desejo/ Paixão, delimitando essas três características no Amor Philia, Amor Ágape e Amor Eros.

Os gregos antigos reconheceram sete tipos de amores diferentes, são eles: Philautia, Pragma, Ludus, Eros, Philia, Storge e Ágape. Se tentarmos buscar no dicionário a definição desses amores, encontraremos um tanto superficial, por isso, faz-se necessário defini-los de uma forma mais compreensível e sucinta para o leitor.

O Amor Philautia é o chamado “Amor Próprio”, Amor Pragma é o amor baseado na dedicação de algo, muitas vezes ligado ao impulso, um exemplo são os relacionamentos que se formam apenas por conta de um filho, o Amor Ludus é o antônimo de Pragma, pois é um sentimento mais divertido, como exemplo

tem-se o namoro entre colegas de classe, o amor por uma dança ou algo do tipo. O Amor Storge é mais eterno e cuidadoso, esse parece o amor entre pais e filhos. Esses quatro amores mencionados acima são os menos discutidos na filosofia, mesmo porque eles passaram a ser utilizados e criticados na contemporaneidade, sendo os mais visto e falado no período moderno entre os críticos o Amor Philia, Amor Eros e Amor Ágape.

No vasto campo da mitologia grega, Eros na versão como filho de Afrodite é o mais usado e ousado pelos críticos. O Amor Eros estudado por Platão é ligado ao desejo, mas também existem outras interpretações que ligam esse amor a paixão e sexo. Esse é um dos mais perigosos do amor, pois é considerado o amor que cega. O amor ligado por Eros é dividido em dois, Platão dividia esses dois amores entre o corpo e a alma, dentre eles um é ligado a sexualidade e o outro é o Amor romântico. Para Dax, o amor romântico:

“[...]Amor romântico, fundamentalmente sentimental. O amor romântico, expressão última do Eros impetuoso, adoecido e em luta por sobrevivência, tende a produzir infelicidade pelo caráter excessivamente da felicidade que almeja- seus amores prediletos são os “amores impossíveis”, aos quais se dedica de maneira inconformada, mas com obstinação”. (DAX. 2019, p. 79)

Esse amor é a decadência do espírito, ele é bucólico, idealizado e pessimista. O Amor romântico não está ligado à busca da felicidade, mesmo porque parte de alguém com o coração atormentado pela infelicidade de não alcançar o que almeja. Esse tipo de sentimento é retratado na literatura, especificamente na segunda geração romântica, baseado no amor irracionalizado. É interessante notar que este amor não esteve apenas no romantismo, mas foi um marco na história Ocidental na Grécia Clássica por Sócrates e Platão. As características desse amor remetem ao chamado “amor perverso”, aquele que parte da busca inconstante e fracassada pelo que se deseja.

O outro Amor Eros está ligado à sexualidade e ao erotismo, toda essa representação tem a ver com Afrodite, pois seu próprio nome é ligado ao desejo sexual. Para Dax (2019, p.52) “[...] Afrodite, conforme já foi dito, é associada à sexualidade, sendo Eros também visto como o impulso dirigido à realização desse desejo”. Na filosofia, a beleza que liga o desejo e o prazer sexual aos

amantes, Eros, o jovem mais lindo e poderoso serve de ponte para esse tipo de amor, embora muitos estudiosos como Jung (2005, p.29), diga que Eros é ligado ao “relacionamento e não a sexualidade”, enquanto outros acreditam que a beleza corpórea move desejos carnisais, todavia, não faz parte do espírito, mas do corpo. Freud (2012, p. 46-47), extrai que “A descoberta de que o amor sexual (genital) proporciona ao indivíduo as mais fortes vivências de satisfação...”.

Por isso, o Amor Eros, mesmo de uma forma impetuosa está inserido na explicação do prazer humano, aquele que se insere no conceito de multiplicação (reprodução como consequência), prazer e beleza de Eros, fazendo parte do impressionismo da vida. Esse prazer humano de multiplicação e satisfação se faz presente no Romantismo. O amor do romantismo é um amor verdadeiro, não está ligado a casamentos arranjados por bens ou algo do tipo, esse amor é aquele que o amante aceita tudo do amado e, sua realização seria a intensa alegria do sentimento sentido por ambos, mas, quando esse sentimento é por algum motivo interrompido, ele se torna tão sofredor quanto a intensidade do amor sentido pelo amante.

O Amor Philia remete ao sentimento compartilhado pelo próximo, aquele aprazível, sincero e recíproco. O Amor Philia é caracterizado também por “amizade”. Segundo Dax (2019, p. 36) “Philia, isto é, amizade, é o tipo de amor que dispõe positiva e beneficentemente uma pessoa em relação a outra ou a alguma coisa, sendo a Inimizade sua contradição. No entanto, propositadamente digo se tratar de um tipo de amor, não podendo este ser reduzido àquela amizade”. O amor Philia também é ligado à amizade pelo fato de ser construtivo em sua pureza, pois amar consiste na felicidade do outro, o verdadeiro amor é ligado à amizade, porém, essa autêntica Philia entre duas pessoas pode em algumas vezes não chegar à crença de realizar a conexão desejada com o amante. Geralmente, quem pratica esse tipo de amor não se importa em deixar certas proezas para dedicar-se ao ser amado, Spinoza ligava esse amor à “potência de agir”, o ser humano busca alegria, mas é válido lembrar que esse amor não serve para todo mundo, nem todos amam e nem buscam alegria para o que se tem. No Amor Philia, muitas vezes a pessoa se sente bem quando ver o outro feliz, mesmo que essa felicidade seja oposta ao que a pessoa esteja sentindo, pois, o ser humano praticando esse tipo de amor renúncia, entrega-se

aos prazeres de uma outra pessoa com a certeza de vê-lo feliz, isso é a total concretude do amor: a felicidade do outro.

Por fim, após o cristianismo ser consolidado no mundo, o Amor Ágape foi considerado o amor universal, ligado a todo ser vivo. Esse tipo de amor nos faz bem e atrai o desejo de praticar o bem. Quando o ser humano sente esse amor ele está cada vez mais próximo de Deus.

Ágape tem sua origem na cultura judaico-cristã, quando Jesus Cristo veio a este mundo, ele demonstrou um amor diferente dos que já se conheciam. Esse amor era baseado na caridade e compaixão, um amor tão puro que para Jesus não deveria existir ódio e nem rancor do próximo, eclodindo assim o perdão. O amor ágape foi intimamente criado por Deus e veio trazendo uma nova roupagem de amor, aquele solidário e caridoso.

“Tal concepção de amor, como Ágape, é o grande modelo do amor como transcendência, um amor cuja plena pureza está totalmente fora de nosso alcance, tamanhas são as limitações para sua realização na vida humana. Incontáveis foram os filósofos- se não quase todos até o século XVIII- a encontrar em Deus o modelo e fonte original de todo e qualquer amor humano, se não o único ser capaz de amar verdadeiramente”. (MAX, 2019, p. 67)

A partir de então o amor não passou a ser dos olhares filosóficos, mas fruto do pensamento cristão, ligado à fé, mas somente uma pessoa chegou a essa fé máxima, esse foi Jesus Cristo, pois renunciou tudo para dar sua vida pelos pecadores. “O cristianismo deu a Eros veneno para beber - ele não morreu, é verdade, mas degenerou em Vício” (NIETZSCHE, 1992, p. 82). É justamente a partir desse quadro de existência que Eros se remonta e torna-se impetuoso, causando a perda da fé no amor entre os homens, na verdade, a desilusão amorosa, o amor irracional que esteve presente no ultrarromântico português. Salienta-se que o Amor Ágape não chega à trajetória amorosa de Mariana, tampouco preenche sua carência amorosa com o amor de Deus.

7.3 O amor de mariana contradiz aos princípios de Deus

O amor de Cristo e suas bases cristãs são alvo de muitos estudiosos, dentre eles, teólogos, críticos literários, filosóficos e também do senso comum.

Muitas expressões amorosas como a bondade, perdão, crença, esperança e renúncia foram atribuídas ao comportamento do ser humano após as bases cristãs se tornarem fortes, mostrando uma nova visão de mundo, diminuindo a carga de misticismo e as fantasias que eram até então deixada em ênfase entre a população do mundo.

Um dos maiores estudiosos no fim da antiguidade e precursor da modernidade foi Agostinho, natural da África como muitos filósofos falado ao decorrer deste trabalho. Ele faz um estudo com base no sujeito-objeto, pois para o estudioso, objeto e sujeito estão intimamente ligados e são considerados os polos do conhecimento, o conhecimento seria atividade do sujeito (alma), algo que vem do interior e, objeto, ligado ao exterior, porém, não é algo meramente material. Esses dois termos adequados por Agostinho fala da oposição entre o exterior e o interior, assim, se o sujeito-objeto estão relacionados, a alma tem diante de si seu conteúdo, fazendo com que o ser humano por vontade plena praticasse o amor de si, pois praticando esse amor ele regia seus próprios cuidados perante o mundo.

Para Agostinho (1996, p.88) “Nossa alma também é dividida entre ocupações com coisas exteriores e ocupações com aquilo que pertence à natureza interior, o que há de divino em nós, uma vez que Deus é mais íntimo do que nosso próprio íntimo...” Agostinho ainda acrescenta em seu livro, inspirado em Platão, que a alma tem duas porções movida pela “razão inferior” e “razão superior”. Assim como Platão, Agostinho não valorizava o uso da razão em ocupações ditas “mesquinhas”, mas voltada para as coisas externas, para o conhecimento, pela busca da sabedoria e felicidade, essa felicidade estaria enraizado em nós por meio do amor a Cristo. Deus está no “íntimo do nosso íntimo” porque o amor a Ele deve ser colocado em primeiro lugar na vida de cada ser humano, pois o que não se conhece não se pode amar e Cristo é a essência da sabedoria, sendo assim, o ser humano é considerado um verdadeiro sábio perante mazelas cristãs quando este pratica o Amor e o Perdão, sendo necessário conhecer a Ele para as pessoas alcançarem a salvação, medindo suas ações pecaminosas no mundo, como o adultério, mortalidade, vícios, sexualidade, dentre outros, embora muito desses aspectos pecaminosos estejam enraizados na vida da sociedade.

Muitos são os estudos baseados da fé religiosa, todos se voltam para um único e verdadeiro Amor, o Amor a Cristo. Mediante aos estudos cristãos com base em Agostinho, percebe-se que a mulher romântica retratada no ultrarromantismo português tinha uma visão torta sobre os preceitos cristãos, embora os conhecesse. Como já foi mencionado, a segunda geração romântica tem características como o pessimismo, irracionalismo e morte, sendo assim, todas essas ações de acordo com os estudos de Agostinho são meramente contra a religiosidade.

Elevando as atitudes de Mariana dentro da obra passional de Camilo, pode-se perceber a sua longitude dos preceitos cristãos. Mariana foi uma mulher que teve atitudes pessimistas em relação ao seu amor para com Simão, ela foi movida por um desejo irracional que o leva a ser uma mártir do amor, pois para a mesma, atingir a essência desse Amor seria a própria realização plena da felicidade. Outro fator marcante, talvez o que mais distanciou a personagem de Cristo foi o seu desejo de morte. Segundo Nietzsche (2012)

“Todo grande amor traz consigo o cruel pensamento de matar o objeto do amor, para subtrai-lo de uma vez por todas ao sacrilégio jogo da mudança: pois o amor tem mais receio de mudança que do aniquilamento”.
(NIETZSCHE, 2012, p.25)

É a partir desse pensamento de Nietzsche que se percebe o quão o amor de Mariana é subjetivo, ou seja, para Dax (2019, p. 114), “O amor subjetivo, como anacronicamente denomino, consiste em uma paixão da alma movida por algo determinado que afeta os sentidos do corpo”, ou seja, não é um sentimento pleno e definido. A personagem esteve presente na vida de Simão em todo momento, mesmo quando ele foi mandado para o degredo nas Índias, isso significa que ela não temeu ao aniquilamento, mas a partir do momento que seu amado morreu por fraqueza diante da dor, ela não viu mais explicações para existir, seu amor por Simão estava acima de qualquer outro amor, até mesmo do amor de Deus, sendo assim, a mesma escolhe a morte (mal-do-século) como escape, pois a mudança de vida sem Simão não teria mais sentido algum, ela preferia ver Simão vivo sofrendo por amor a outra pessoa do que deixá-lo ir, pois a felicidade de estar perto do seu amado era maior que a tristeza de vê-lo se transfigurando com seu cruel fim do degredo das índias. O amor a partir de então

tornaria uma fonte esgotada, não teria mais essência e sim carência, ele também não chegaria a sua plenitude e nem seria o amor platônico presente na segunda geração do Romantismo se caso a personagem fizesse o contrário.

Contudo, mesmo os princípios de Deus estando inserido na sociedade romântica, para muitos, ele não teve força, pois o ser irracional não preenche sua carência natural com o amor de Deus, pelo contrário, ele se transfigura em um ser apaixonado, sofredor e insatisfeito com a vida.

O amor de muitos se tornou irracional, Dax (2019) relata que a partir do modernismo “o amor perdeu seu lugar no mundo”, há uma breve explicação sobre esse caos de transformação, existiam dois lados fortes no que diz respeito à igreja, de um lado tinha os protestantes e do outro a igreja católica, então, esse individualismo causado pelas duas igrejas trouxeram consequências e muitas configurações no mundo da política, nas salas acadêmicas, começaram a surgir críticos como Kant, reformando o modo de pensar dos cidadãos, enfim, foi uma verdadeira revolução na massa popular sobre questões humanas ainda não vistas, as pessoas agiam diferente, inclusive na sua forma de amar, houve um escape no Amor, a sociedade heroína do romantismo deixou de lado os preceitos cristãos e se apegou a atitudes frias e insondáveis, mas esses “defeitos” o tempo traz consigo, eles fazem parte da decadência humana, do imaginário romântico ou até mesmo da “ilusão humana”, como citava o grande estudioso Schopenhauer.

8 A FILOSOFIA DO AMOR SEGUNDO A OBRA “O AMOR E O OCIDENTE” DE DENIS ROUGEMONT

Dennis Rougemont vem apresentar uma antítese sobre o amor e a paixão. Seu estudo parte de apontamentos sobre a crise do casamento no século XX, pois segundo o filósofo, essa crise tem motivos e partiu desde séculos antes, ou seja, o casamento foi reconhecido como uma união moral precedida sobre o Amor Ágape cristão somente até meados do século XII.

Para o filósofo, após o século XII a união passou a ser baseado no ideal da paixão romântica, um sentimento que contradiz os princípios do Amor Ágape. Toda essa revolução começou a surgir após a destruição do catolicismo medieval. Uns dos estudiosos mencionados por Rougemont por fazer toda essa reviravolta foram os mulçumanos, o platonismo e o dualismo, confundindo a paz espiritual da igreja Ocidental com seus novos pensamentos sobre o amor.

A julgar por nossas literaturas, o adultério parece uma das ocupações mais importantes a que se dedicam os ocidentais...Sem adultério, que seria de todas as nossas literaturas? Elas vivem em função da “crise no casamento”. É provável que elas alimentam essa crise, quer “cantando” em prosa e verso o que a religião considera um crime a lei. (ROUGEMONT, 1988, p. 16)

Durante todo decorrer da obra, o autor traz apontamentos que diferenciam o Amor Ágape da paixão romântica dos dualistas maniques e platônicos, ele critica o amor que envolve adultérios e crise existencial (quase sempre retratado na literatura), pois, para o filósofo, a união e o sentimento que deveriam estar sempre inseridos na vida humana, seriam aqueles mostrados na Era Medieval pelo feudalismo. Os primeiros estudiosos que elevaram o conceito dessa paixão romântica até a Europa Ocidental foram os poetas Islâmicos de Al-Andaluz, que trouxeram esse conceito a partir dos estudos sobre o Eros Platônico, rival da igreja medieval.

Algo importante que Rougemont traz é que a paixão surge através da mulher, trazendo noções sobre o desejo de morte e suicídio, ou seja, a posição feminina trazida pelo estudioso passa a ser vista como uma ameaça de críticas que antecede o amor Ágape cristão (único e verdadeiro para Denis). Para melhor retratar sua tese, o filósofo usa como exemplo o romance de Tristão e Isolda,

pois o mesmo trouxe muito conflito por contradizer a moral cristã elevada pelos medievais.

Contudo, o autor não vem com o intuito de descrever uma história sobre a prática do amor na vida humana, mas ele mostra seus estudos com bases nessas duas eras (Medieval e Moderna), a fim de defender a união que era estabelecida na era medieval, onde eram escolhidos os noivos com posições financeiras e sociais favoráveis para as mulheres. Porém, pelo fato do autor mostrar sua afirmação da volta ao feudalismo na união, percebe-se sua falta de estudo sobre o “amor” e também sobre a posição feminina, pois não é cabível que o amor, assim como a união entre os seres humanos, sempre permaneça de uma única forma, embora muitas vezes esse sentimento misterioso retome ao passado, ele sempre vai estar presente com maior intensidade na vida feminina e a mulher tem evoluído desde o século das grandes transformações tecnológicas, na verdade, a mulher sempre teve um pensamento aflorado, mas só depois do século XVIII que elas começaram a acordar para a vida lutando pelos seus ideais, autonomia e espaço na sociedade.

Essa obra vem mostrar a contrariedade do amor vivido por Mariana sobre a era medieval, pois, além de seu sentimento ter voltado para o passado platônico e não feudal, ela também mostra a marca feminina presente no seu tempo, aquela que passou de uma moça triste e pálida para uma heroína romântica. Algo interessante é a posição da mulher em relação ao amor e o amor romântico como sentimento mortal que o autor tanto critica, pois se observarmos, ele está presente na vida de Mariana do início ao fim da trama, assim como a combinação entre amor e morte. Todas as críticas prestadas por Dennis Rougemont são colocadas em favor do amor feudal e contra o amor romântico estudado por Platão, sendo assim, o romance vivido por Mariana é mais uma obra literária que faz parte do conflito amoroso que esteve contra a igreja por não buscar a união vivida na Era Medieval.

8.1 O ideal do amor cortês na literatura

O Amor Cortês começou a surgir nas cortes dos reis e dos senhores a partir da poesia europeia em meados do século XI e XII com a poesia dos trovadores

(exaltação do amor infeliz). Já dizia Denis (1988) “O amor cortês, na sua pureza original, ama para sofrer, para “padecer””.

Esse amor é pautado em uma mulher que sempre nega o seu senhor, mostrando sua marca feminina antes e depois do cortejo, ou seja, foi uma época em que a mulher viu-se elevada acima do homem, algo que servia de ameaça aos costumes tradicionais vividos pelas mais nobres famílias e, principalmente, pela igreja.

Os trovadores viviam seu amor distante da realidade social, alguns estudiosos acreditavam que eles eram fracos de espírito. De certo, sua vida era enraizada em torno de um segredo no qual situava-se em suas poesias. As poesias trovadorescas eram cheias de símbolos com significação jamais descobertas, pois na ótica do ser medieval, qualquer conceito tinha outro sentido que se distanciava do seu original, isso ocorria na maioria das vezes, porque os mesmos não queriam condenar sua moral religiosa, pois a duplicidade de sentido dos escritos trovadorescos o levava ao pecado das paixões, exprimindo desejos carnis na natureza de suas inspirações. Segundo Denis (1988):

Nossa linguagem passional vem da retórica dos trovadores...pouco a pouco, separando-se da religião que a criara. Ora, a partir do século XII, as metáforas usuais são as metáforas da retórica cortês. (DENIS, 1988, p. 141)

Acredita-se que esse amor impossível, “Amor Cortês”, surgiu fora dos preceitos religiosos, por isso, passou-se anos até descobrirem seu verdadeiro significado, até então, os próprios trovadores mesmo no mundo do pecado viviam dentro da igreja. Denis faz toda uma remontagem e mostra que para o amor provençal chegar até a literatura ele passa, sem sombra de dúvidas, pelo mito, como tem o exemplo do mito de Tristão e Isolda, isso para provar que esse sentimento se afasta de Deus e não passa a ver a morte como uma passagem para um mundo melhor, mas como o verdadeiro fim de tudo.

Os trovadores cantavam o amor infeliz, aquele amor cortês impossível e idealizado, então, é fácil observar o ideal do amor cortês como uma essência infeliz, assim como o amor prestado na segunda geração ultrarromântica, existem diferenças no quesito sexualidade, pois essa força levada dos desejos não estavam como atitude principal entre os amantes da época. Esse amor cortejado chega a ter proximidades no conceito em que ambas se distanciam do

cristianismo e da realidade alheia, fazendo menção a uma paixão amorosa não correspondida achando a morte como saída, embora ela esteja fincada com mais evidência no romantismo.

O amor cortês afasta o ser humano de sua realidade justamente por proporcionar a totalidade de um amor mais pensado que vivido, por isso, Denis fez uma comparação entre paixão e droga, pois ambos são um fenômeno que provoca estímulos proibidos e fazem a confusão da alma e do espírito humano.

9 CONTRIBUIÇÕES FILOSÓFICAS DE VOLTAIRE

François-Marie Arouet, tem como pseudônimo Voltaire (1694-1778), filósofo e escritor francês, considerado um dos maiores pensadores de seu tempo. Segundo Voltaire (2001):

“O amor é a estopa da natureza bordada pela imaginação. Quereis ter uma ideia do amor?... o homem aperfeiçoou o amor. O que há de horrível para vós é haver a natureza em três quartos da terra envenenado os prazeres do amor e as fontes da vida com um mal tremendo, a que só o homem está sujeito e que lhe infecciona os órgãos da geração”.

François estuda o amor através de várias ideias. Ele começa a explicar a natureza do amor a partir da abordagem imaginária, onde ele observa, primeiramente, os bichos, animais irracionais, formando assim seus estudos de que há animais que não conheçam o “gozo” (amor), que estão aqui somente para viver o único prazer de acasalarem e multiplicar espécies. Por outro lado, Voltaire tem como objeto de estudo o homem, pois ele sendo um ser racional, sabe aperfeiçoar esse amor, tendo cuidado e zelo pelos próprios ideais, tanto carnis, quanto imaginários, ou seja, o ser humano é superior aos animais irracionais, pois conhecem os prazeres da carne e os sofrimentos vividos por um amor não correspondido.

Segundo Voltaire (2001) “O amor é de todas as paixões a mais forte, pois ataca simultaneamente a cabeça, o coração e os sentidos”. O amor é conceituado pelo filósofo como fonte de vida, ou seja, faz parte da natureza humana e, por fazer parte dessa natureza ele pode ser constituído também por fantasias, sofrimento, alegria ou morte.

Assim como o filósofo ousou dizer que a “metafísica consiste em procurar, num quarto escuro um gato preto que não está lá”, o amor também é assim, esse sentimento torna-se forte na medida em que se trata de uma busca por outrem, pelo ser amado, não se trata apenas de um amor solo, mas de alguém querer viver em conjunto, querer buscar mesmo com limitações.

A filosofia do Amor para Voltaire, mostra o sentimento amoroso como algo forte, cheio de expressões prazerosas que nem sempre chega a um êxito, ou a uma realização satisfatória. Esse sentimento chega a seu êxito quando acontece

a união do corpo e do espírito humano, um sentimento nobre que é capaz de enraizar no ser uma capacidade de sentir prazer, e o mesmo não está associado somente a relações carnis, mas ao prazer de busca e conquista do sujeito, pois assim como o amor pode ser visto como um prazer, ele também pode ser visto como um mal tremendo na medida em que causa negatividade e desprezo a uma geração. Voltaire em sua obra ainda enfatiza que o macho sempre vai estar à frente da fêmea e, embora a mulher tenha desde o século XIX se colocado um pouco mais no meio social, o homem esteve por muito tempo no comando da vida em sociedade e em casa, uma das características romântica.

Na obra Amor de Perdição, Mariana vem mostrando o papel da mulher heroína, que ao contrário do pensamento de Voltaire, passa a frente do homem e vive o amor intensamente. Porém, por consequência desse sentimento que atinge os órgãos humano (cabeça, coração e o sentido) foi que a personagem se perdeu, ou seja, como o filósofo afirma, a natureza humana tem a capacidade de “aperfeiçoar o amor”, mas não de mandar em quem se deve amar e, por amar o incerto é que o ser humano não alcança o prazer da vida, pois se habitua apenas ao sofrimento que muitas vezes é levado à morte (escape). Voltaire já dizia que nascemos só, vivemos só e morreremos só, então, qualquer coisa que se desvie dessa lógica de pensamento pode ser considerada um momento de ilusão, uma criação da imaginação humana sobre uma vida distante do real, difícil de se navegar.

10 ANÁLISE FILOSÓFICA DA ESSÊNCIA E COMPLETUDE DO AMOR DA PERSONAGEM MARIANA

Em **Amor de Perdição**, o sentimento passou a ser reconhecido como o fator básico da vida de cada um dos personagens, principalmente, de Mariana, pois mostra de uma forma completa a raiz interior da mulher camiliana e a representação de muitas mulheres do século XIX. Para se chegar ao entendimento da essência e completude do amor de Mariana, uma personagem tão complexa, faz-se necessário buscar a raiz do Amor, suas características e filósofos que contribuíram para melhor explicar as atitudes da personagem que vos falo.

Segundo Antônio Cândido (2009):

“Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa...No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluída, variando de acordo com o tempo e suas condições de conduta”. (CÂNDIDO, 2009, p. 55)

No romance, pode-se ter variadas interpretações da personagem, porém, mesmo que passe anos após sua criação, nunca será mudado sua lógica fixa sobre seu comportamento, suas vivências e, até mesmo, seu sentimento. Cabe a cada leitor entrar no mundo vasto de sua complexidade e trazer de cada ser fictício um aprendizado para a vida, sem restrições sobre seu desfecho, pois, ele pode ser bom ou ruim e ninguém poderá mudá-lo, justamente por estar preso a um único tempo e um espaço.

A partir do que já foi estudado até aqui, é notório que o comportamento de Mariana e sua completude, justamente por não se tratar de uma personagem real, está inserida nas expressões filosóficas do Amor romântico (Eros), do Amor Philia e partes do Amor Cortês (concepção platônica), não diria que estar presente no Amor Ágape, porque o pessimismo da vida da protagonista não tem nada a ver com o uso da esperança e crença (costume do cristianismo).

Platão tratou a Philia como um amor “Puro e Casto”, já o Cristianismo se retratou da amizade como uma caridade impessoal. O amor Philia mostra de uma forma clara essa pulsão de fazer o outro se sentir bem, ou seja, de Mariana fazer Simão se sentir bem com seus fazeres cuidadosos, pois para ele, Mariana

se tornou uma espécie de criada, ela se entregou por inteiro para simplesmente cuidar e ficar perto do seu amante. Outras características, ou a mais presente é a do Amor romântico, embora ele seja mostrado no amor romântico como a decadência do “Eros impetuoso”, reluz a verdadeira expressão vivida por Mariana. O amor passou a ser idealizado e pessimista, demonstrando a decadência do amante, a irrealização do amor e o amor de perdição, aquele ligado ao declínio do ciclo de vida de Mariana: a morte de Simão.

O Amor Romântico é uma forma de sentimento moldada desde o século XII através do “Amor Cortês”, o amor através do cortejo foi um início ao amor idealizado e sofrido. O amor no século XII é um mero serviço feudal, mostrando a marca feminina com força, pois o homem se colocava no lugar de vassalo, é justamente com a poesia dos trovadores que surge a verdadeira concepção do amor. O professor Raúl Gouveia Fernandes no vídeo “A Arte de Amar”, mostra a importância desse amor através de uma frase “Pois min amor non quer leixar e da-me esforço e esperança, mal vêna a quem se d’el desasperar”. Segundo Raúl, esse “mal vem para se desesperar o amor”, ou seja, aqueles que não tem esperanças no amor não tem nenhum bem e nem pode fazer o bem, seja em si ou no próximo, pois o amor é visto como a fonte de todos os bens, o que dá sentido na vida é o amor e, esse mesmo amor por ser tão forte justifica a morte. O amor cortês vai se solidificando e criou novos conceitos com o passar dos anos, o mesmo é moldado por Platão mais na frente como algo supremo, que vai além da vida, porém, seria nefasto falar do amor e não chegar a sua primeira fonte abalável.

É reconhecido que o amor filosófico não é “mero sentimento, mas convite à ação”, como expressa Luduenã em sua Introdução a recente tradução “O Banquete” (LUDUENÃ, 2015, p. LXXXV), sendo assim, essa ação totalmente movida por Mariana será estudada através do pensamento platônico. Ela sentiu por Simão o que Sócrates defendia, aquele Amor que envolve a sabedoria de buscar atingir a beleza da alma. Outro estudioso, o mais visto no decorrer deste trabalho será Platão, o mesmo não pensava o Amor como estética do corpo, pois construir um amor através da beleza física é como fazer um castelo de Areia, Max (2019, p. 111), usa essa metáfora “castelo de areia” para mostrar que o amor não é tão simples e não se desconstrói por segundos, por isso, a

protagonista tanto lutou, sofreu e morreu por esse sentimento platônico (não alcançado).

Falar sobre o amor requer um estudo abrangente sobre tal definição, Schoupeauer já dizia em seus escritos que há amores interessados. O interesse parte da espécie e o principal alvo desse interesse é o amante, então, a paixão amorosa que parte da espécie é em detrimento do amante. A pessoa amorosa vive para o amante, o sentido de a vida estar em insistir e persistir, pois a essência desse amor é exclusivamente regida pela felicidade de querer viver com a pessoa amada, que foi o caso de Mariana com Simão. Embora a paixão tenha um caráter ilusório, a natureza humana exprime vontades de querer existir como vida e essa vida só tem sentido quando ambas as partes do gênero humano chega ao ápice de sua exatidão, que é a produção humana, esse é um dos estudos bases que surge através do mito de Diotima de Mantinea, uma mulher sábia que ensinou tudo a Sócrates, ela dizia que Eros era uma entidade intermediária entre os deuses e os humanos, ou seja, ele passa a colocar o desejo de imortalidade nos seres humanos e, essa imortalidade só seria alcançada através de gerações, da reprodução humana, os casais teriam que ter filhos para não perder sua verdadeira entidade no decorrer dos anos. De acordo com esse pensamento Eros (Amor) é visto como uma “Paixão amorosa e mero instinto sexual” (DAX, 2019, p. 361).

Na verdade, o amor de Mariana é um amor espiritual, ele não chega a um nível de interesse sexual, pois o amor que move a vontade sexual é quando há cumplicidade entre dois amantes. O interesse de Mariana é movido pelo seu próprio detrimento, porque a personagem carrega um amor solo, ou seja, esse amor platônico está longe do mundo real, segundo os estudos de Platão, o amor tem duas fases, a do mundo real e a que fica enraizada no campo do pensamento e, o amor de Mariana traz esse aparato antigo de estar incubado somente na imaginação (embora seja um comportamento perceptível na realidade humana), movendo a compreensão do sentimento infeliz e frustrante da personagem. As ações avassaladoras de Mariana pela busca da essência constante do amor, essa essência explicada por Sartre, está pautada em “receber ao invés de dá”. Sartre (2012) dizia que “O próprio amante fica aprisionado por sua própria exigência, pois querendo ser amado em retorno”. Mariana se preocupou em apenas suprir as necessidades de Simão.

“Esta mulher tem sido a minha providência- disse Simão. –Porque ela me valeu, não senti fome em dois anos e nove meses de cárcere. Tudo que tinha vendeu para me sustentar e vestir”. (CAMILO, 2018, p.135)

Mariana aprisionou suas atitudes amorosas deixando infelizmente sua vida num “poço sem fundo”. O amor é movido por interesse e, se não houver retorno ele passa a ser conflituoso, esse conflito amoroso faz parte do amor, pois esse sentimento requer exigências e quando essas não chegam a seu momento de exatidão é sinal de que o ser humano não conseguiu “lidar com aquilo que o amor nos dispõe e move” (DAX, 2019, p. 416). Simão reconheceu as atitudes bondosas de Mariana, mas não pôde fazer nada para retribuí-las, é instigante e chega a ser curioso o fato de Simão não poder retribuir esse sentimento e continuar aceitando tudo de Mariana, até mesmo sua companhia pelo resto da sua vida, porém, essa culpa ele não poderia carregar, porque todas as insistências amorosas partiram de Mariana, Simão demonstrou seu sentimento fraternal, mas a protagonista aceitou sem excitar, pois sua vida já estava ligada a ele, nem que seja pelo simples fato de ambos estarem pertos sem ultrapassar as barreiras da “irmandade” demonstrada por Simão.

Embora as explicações acima retratem uma versão do comportamento da personagem, tiradas até mesmo fora do contexto do romantismo através de críticos, filósofos e pensadores já visto até o momento, o amor em si da personagem é desencadeado pela maior representatividade de Platão na Grécia antiga através de seu pensamento em que o amor é o próprio Eros, o mesmo não profere a palavra “Amor” porque o filósofo era Grego em sua tradução Eros era o Amor. É importante ressaltar que o Eros ligado aos estudos de Mariana não está ligado à sexualidade, pois ele se restringe somente ao campo do pensamento se desligando do real. Esse sentimento era perceptível aos olhos de Simão, assim como pode ser perceptível aos olhos de qualquer outra pessoa que não seja aquela que está presa ao campo do pensamento amoroso, um amor sem êxito.

“O amor platônico é um amor à distância, amor por algo inatingível na medida em que possuí-lo seria o fim da própria transcendência que dá sentido ao ímpeto filosoficamente [...]” (DAX, 2019, p. 112)

Para Platão, Eros (amor) é ligado ao desejo, ou seja, é a busca por aquilo que não tem, o amor sempre será desejado e idealizado pelo amante. O ser humano deseja aquilo que lhe falta, causando muitas vezes a pulsão de felicidades impossíveis quando não chega ao seu alcance, não sendo recíproco e muito menos correspondido. O amante deseja o bem que o amado pode lhe fazer e ver nele a beleza não vista em outro ser.

Mariana não se sentia feliz com o que tinha, pois, para chegar à essência e completude do seu amor, ela tinha que ter de algum modo Simão para si. Elevando o sentido dos estudos criados pelo mundo Platônico, esse amor estimado pelo ser humano e suas ações é expelido como um desejo e, o mesmo amor pode desaparecer a partir do momento em que esse desejo é realizável, Gerd Bornheim (2002) já dizia que “Os românticos comprazem-se em sua insatisfação; podemos dizer que a satisfação consiste em permanecer insatisfeito e, portanto, nostálgico, eternamente saudoso”.

Mariana é uma personagem vazia, totalmente pessimista e irracional, essas eram as características do herói romântico, ou melhor dizendo, heroína romântica. É nítido que não existiu outro herói romântico e solo como Mariana na posição de “Mulher”, então, a explicação de Platão sobre o Eros (amor) ser movida ao desejo e ao mesmo tempo pela falta de alcance desse desejo cabe à personagem justamente pelo fato da mesma estar presa as suas ações avassaladoras e sua paciência de buscar o que almeja, ou seja, embora ela esteja no mundo do pensamento, a realidade está nas pessoas ao seu redor que vivem suas vidas sem estar preso a um sentimento idealizado e cego.

A personagem reconhece a forma profunda do amor em que é possível amar sem querer ter a liberdade do amante. O amor é regido por alteridade e a pessoa romântica eleva seu nível de interesse querendo receber algo em troca, muitas vezes a liberdade do amante de amá-lo por vontade própria, cabe ressaltar que “o amor existencialista decorre de uma perda de foco” (MAX, 2019, p. 419) e o amor platônico tem essa perda de foco do mundo real a partir do momento em que o amante abdica a sabedoria de buscar o verdadeiro sentido de beleza, porém, não passa de uma busca, ele é inatingível. Então, mesmo que Mariana quisesse ter Simão para si, ela não o obrigaria a nada, isso partiria por vontade própria, por isso, ela foi tão paciente em esperar que algum dia ele

poderia ser dela e, era isso que Simão temia, esse desconforto de ver Mariana dar de graça amor e companheirismo sem ele poder retribuí-la, pois seu desejo era Teresa. Mas, Mariana era que nem a letra da canção do Kid Abelha, “Amor por retribuição”, que diz: “Você não pode me cobrar/ Pelo que deu de graça - Sempre inventando mais provas de amor/ E só me abraçar pra sentir o efeito - Acho que a sua inspiração/ Está em livros de direito/ Talvez eu tenha ganhado mais do que tenha dado/ Mas contas de amor sempre dão errado/ Você me lembra histórias do passado”. De acordo com a letra da canção, percebe-se a inconstância do amor de Mariana, esse ser que não agia por fantasias, mas que tinha sua forma particular de amar desabrochou experiências jamais vividas sobre o amor, mesmo porque o ser humano se reconstrói a cada ciclo de vida e o amor também se reconstrói, ele pode ser perfeito e imperfeito, pode receber sem ganhar algo em troca.

O Amor é um dos deuses mais antigos, o mais honrado e o mais poderoso para aquisição da felicidade entre os homens...o amor é belo. Amor é carente do que é belo, e o que é bom é belo, também do que é bom seria ele carente...Todo esse desejo do que é bom de ser feliz, eis o que é “o supremo e insidioso amor, para todo homem”. (PLATÃO, 2000, p.11-39)

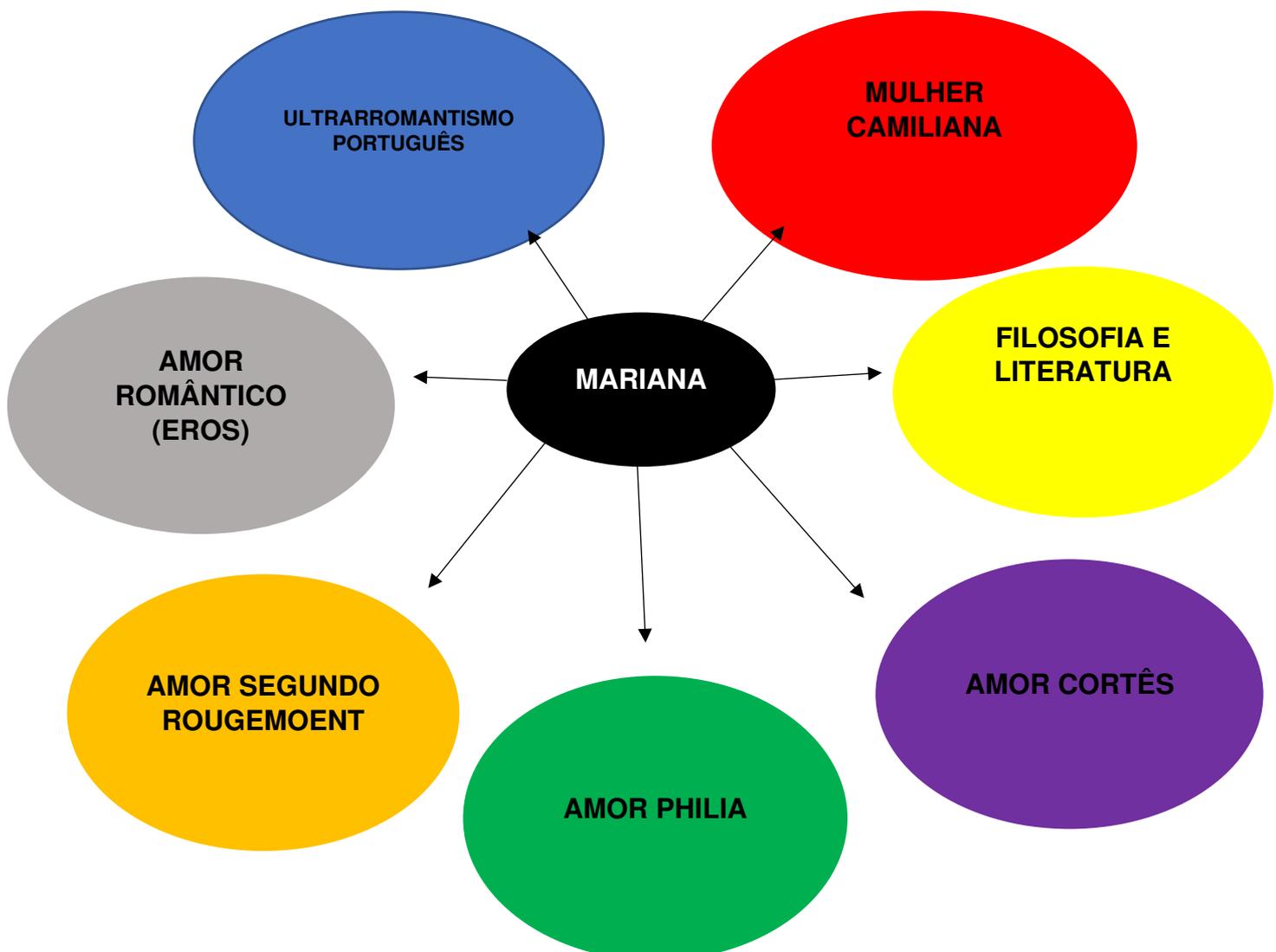
A real causa do amor de Mariana é uma só, a “Carência afetiva” de nunca ter alcançado o amor de Simão. Sartre já explicava que o amor é “fonte de conflito e interesse”, faz parte das relações de amor no mundo, então, essa carência conflituosa esteve na vida de Mariana desde o momento em que ela se desligou do real, se tornando uma moça do campo, triste, pálida, sozinha e infeliz, uma mulher que não tinha riqueza e nem uma família.

Mariana supera aquela concepção do amor de só querer possuir, o amor da protagonista foi decadente, ela não conseguiu de modo livre através de suas atitudes fazer com que Simão o amasse para então atingir sua essência: felicidade, sendo assim, a essência de Mariana não chegou ao seu momento de exatidão, isso só confirma o pensamento de Platão sobre o amor ser desejo e quando esse desejo chega a sua realização ele deixa de ser amor, pois não teria mais graça em buscar o que já se tem, ou seja, o amor de Mariana foi um sentimento puro pelo fato de ele não ter chegado a sua realização, partindo desse pensamento, é notório que não se pode amar na falta, sendo o amor o

próprio desejo e o desejo o próprio amor, ambos inatingíveis segundo a concepção platônica. Enquanto Mariana era livre para amar, Simão era preso a um único amor por Teresa. Caberia apenas o fracasso de ambos os apaixonados ser selado pela morte, um fim trágico típico da escola literária a qual representa a obra Amor de Perdição. Foi por desejar e buscar essa completude, a essência do seu amor, abdicar a paciência para si que Mariana “Amou, Perdeu- se e morreu amando”. (CAMILO, 2018, p. 09)

10.1 Esquema do contexto ultrarromântico e filosófico do amor de Mariana.

Para melhor se obter uma explicação de todo contexto ultrarromântico ocorrido na segunda geração do Romantismo, foi feito um esquema didático sobre a evolução de todo corpo do trabalho, envolvendo as características de Mariana no contexto ficcional da obra Amor de Perdição e a filosofia comparada ao sentimentalismo da personagem.





Cada cor representada no esquema, traz uma analogia ao contexto e ao Amor de Mariana visto através das teorias filosóficas. Salienta-se que a personagem é uma verdadeira amostra do herói romântico, pois suas vivências dentro da obra de Camilo mostram resquícios de uma mulher desafiadora que

está além de seu tempo. Suas características físicas de uma mulher pálida, do campo, rosto belo e triste não condiz com a força que ela rege através de suas atitudes amorosas. Essas atitudes são reagentes ao seu sentimentalismo que está incubado apenas no campo do pensamento e ao desejo constante de buscar a essência (felicidade) do seu amor através de Simão.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho **Filosofia do Amor de Mariana**, trouxe primeiramente características da escola literária do Romantismo, a vida e obra do escritor Camilo Castelo Branco e o contexto da geração europeia do século XIX. Antes de partir para a crítica dessa pesquisa, foi necessário trazer um estudo base da Filosofia atrelada à Literatura e, neste trajeto, estiveram diversos estudiosos da área Literária e Filosófica como Denis Rougemont, Dax Moraes, Oliveira, Voltaire, Jacinto de Prado Coelho, Fidelino de Figueiredo, Saraiva e Lopes, Platão, Carvalho, Antônio Cândido, Nietzsche, dentre outros.

O trabalho trouxe aspectos da escola Romântica e sua segunda geração que surgiu no século XIX com marcas de uma sociedade transformada, que através de suas características (liberdade de expressão, subjetivismo, sentimentalismo, idealização da Pátria, saudosismo, culto ao fantástico e culto a natureza), exaltavam a cultura do País. Camilo representou a segunda geração ultrarromântica, ele iluminou a literatura portuguesa, sua imaginação insatisfeita no amor foi levada para dentro das suas obras literárias, como foi o caso de **Amor de Perdição**.

Dentro de sua obra **Amor de Perdição** (uma novela passional cheia de dramas amargurados) Camilo retrata a mulher europeia pós - revolucionária, aquela que está associada a estruturas patriarcais do século XIX. No contexto cultural do romantismo, as mulheres em meio ao seu processo histórico tinham um tabu a ser seguido, elas tinham que ser pálidas, rosadas nas bochechas e magras, pois isso mostrava a condição de espírito que cada uma tinha, aquela que estava ligada a sua fragilidade, pois essa ligação os faziam totalmente dependentes dos homens. A personagem Mariana, na qual foi analisado filosoficamente seu amor para com Simão, é uma mulher que faz toda a

diferença na novela passional, pois traz consigo traços marcantes da verdadeira mulher romancista “moça de vinte e quatro anos, formas bonitas, um rosto belo e triste” (CASTELO BRANCO, 2008, p. 29).

No decorrer da explanação da pesquisa, é notória a influência que a filosofia tem na literatura, primeiramente, porque o alvo do trabalho é analisar filosoficamente o amor de Mariana para com Simão, porém, a filosofia também adentra como uma ferramenta de intermédio para explicar e indagar ainda mais as ações insistentes da personagem dentro da obra, pois através da filosofia esse sentimento pode ser trago a realidade como um tipo de comportamento humano. No romance, pode-se ter variadas interpretações da personagem, porém, mesmo que passe anos após sua criação, nunca será mudado sua lógica fixa sobre seu comportamento, suas vivências e, até mesmo, seu sentimento. Mariana traz consigo a raiz interior da mulher camiliana através de suas atitudes e de seu amor avassalador para com Simão.

A partir de toda explanação filosófica sobre o amor, chegou-se à conclusão de que o sentimento de Mariana tem resquícios do **Amor Philia**, **Amor Romântico**, **Amor Cortês**. Porém, o amor de Mariana em toda sua forma foi visto e analisado através dos estudos de Platão, esse amor espiritual que está internalizado no campo do pensamento (imaginação), um sentimento infeliz e frustrante que o torna vazia, totalmente pessimista e irracional (características do herói romântico, ou melhor dizendo, heroína romântica).

O aspecto do amor platônico é visto na personagem através da sua perda de foco do mundo real. Sobretudo, apurou-se que a causa do amor de Mariana é uma só, a “Carência afetiva” de nunca ter alcançado o amor de Simão, essa carência conflituosa esteve na vida de Mariana desde o momento em que ela se desligou do real, tornando-se uma moça do campo, triste, pálida, sozinha e infeliz, uma mulher que não tinha riqueza e nem uma família. O amor da personagem foi decadente, ela não conseguiu de modo livre através de suas atitudes fazer com que Simão o amasse para então atingir sua essência: felicidade, sendo assim, a essência de Mariana não chegou ao seu momento de glória, isso só confirma o pensamento de Platão sobre o amor ser desejo e quando esse desejo chega a sua realização ele deixa de ser amor, pois não teria mais graça em buscar o que já se tem.

Reitero que o amor de Mariana foi um sentimento puro pelo fato de ele não ter chegado a sua realização, partindo desse pensamento, é notório que não se pode amar na falta, sendo o amor o próprio desejo e o desejo o próprio amor, ambos inatingíveis segundo a concepção platônica, por isso, caberia apenas o fracasso de ambos os apaixonados ser selado pela morte. Foi por desejar e buscar essa completude, a essência do seu amor, abdicar a paciência para si que Mariana “Amou, Perdeu- se e morreu amando”. (CAMILO, 2018, p. 09)

REFERÊNCIAS

ASPECTOS DO AMOR EM CAMILO: DA HEROÍNA ROMÂNTICA À MULHER COMUM. Disponível em:

file:///C:/Users/SERVIDOR%20LETICIA/Desktop/NOTAS%20XML/1903067329-1-PB.pdf. Acesso em 20 de julho de 2020.

A AMBIGUIDADE DA ESCRITA EM EUSÉBIO MACÁRIO. Disponível em: <https://revista.unitines.br>. Acesso em 02 de agosto de 2020.

Amor de Perdição. Disponível em: file:///C:/Users/SERVIDOR%20LETICIA/Desktop/wal/portoeditora_camilo_amor_perdi.pdf. Acesso em 12 de junho de 2020.

Amor para Voltaire. Disponível em: <http://www.joseeduardomattos.com.br/o%20que%20e%20o%20amor%20segundo%20voltaire.html>. Acesso em 13 de agosto de 2020.

Amor Cortês- parte 1/4. Disponível em: ter levado esse amor cortês até a morte de ambos.. Acesso em 19 de Julho de 2020.

Amor Cortês- parte 2/4. Disponível em: ter levado esse amor cortês até a morte de ambos.. Acesso em 19 de Julho de 2020.

Amor Cortês- parte 3/4. Disponível em: ter levado esse amor cortês até a morte de ambos.. Acesso em 19 de Julho de 2020.

Amor Cortês-parte 4/4. Disponível em:
www.youtube.com/watch?v=IQ_O6RnBLOW. Acesso em 19 de Julho de 2020.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. **A Personagem da Ficção**. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2009.

Dicionário Filosófico. Disponível em:
<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/filosofico.html>. Acesso em 19 de agosto de 2020.

DIALÉTICA E ESTÉTICA NO ROMANTISMO PORTUGUÊS: subsídios para uma leitura feminista. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29630>. Acesso em 20 de Setembro de 2020.

HISTÓRIA DA LITERATURA ROMÂNTICA. Disponível em: <https://pt.scribd.com>. Acesso em 03 de agosto de 2020.

FIGUEIREDO, Fidelino de. **Literatura Portuguesa: desenvolvimento histórico das origens a atualidade**. Rio de Janeiro: Noite, 1941.

Moraes, Dax. **História Filosófica do Amor**. Natal, RN: EDUFRN, 2019.

Mariana, a mais romântica personagem em Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco. Disponível

em: <https://www.webartigos.com/artigos/marianaamaisromanticapersonagememamordeperdicaodecamilocastelobranco/67083>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

O AMOR DE VOLTAIRE. Disponível em: <https://quemdisse.com.br/frase/dentre-todas-as-paixoes-o-amor-e-a-mais-forte-porque-atacaaomesmotempoacabeca-o/39780/>. Acesso em 13 de setembro de 2020.

OLIVEIRA, Paulo Motta. **Camilo entre tempos:** trajetórias historiográficas. In: Anais do XX encontro de professores brasileiros de literatura portuguesa. Niterói, 2005, p.1-12.

O BANQUETE. Disponível em: http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf. Acesso em 20 de Setembro de 2020.

O NASCIMENTO DO ROMANTISMO EM PORTUGAL. Disponível em: <https://revista.ufrj>. Acesso em 03 de Agosto de 2020.

GUINSBURG. Jacó. O ROMANTISMO. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2002.

PROXIMIDADES ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA. Disponível em: <https://revista.unitins.br>. Acesso em 02 de Agosto de 2020.

Percursos possíveis pelo legado crítico da obra "Amor de Perdição" de Camilo Castelo Branco. Disponível em:

<https://www.webartigos.com/artigos/percursospossiveispelelegadocriticodaobraamordeperdicaodecamilocastelobranco/85574>. Acesso em 25 de agosto de 2020.

ROUGEMONT, de Dennis. **O Amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara S.A. 1988.

VOLTAIRE E O AMOR. Disponível em:
<http://www.silviamota.com.br/visualizar.php?id=3729894>. Acesso em 13 de setembro de 2020.